



Leitura e produção de mídias-resenhas na apropriação de conceitos envolvidos nas tecnologias contemporâneas de comunicação e educação¹

Mirna Tonus²

Aléxia Pádua Franco³

Resumo: A experiência de produção de mídias-resenhas pelos graduandos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre os anos de 2014 e 2016, em componentes curriculares voltados à discussão de tecnologias de informação e comunicação, inclusive as atinentes à educação, é o foco deste trabalho. A leitura e a elaboração de mídias-resenhas, produções midiáticas a respeito de textos acadêmicos por meio de diferentes tecnologias e plataformas digitais, constituem uma estratégia didática que envolve os impactos da cultura digital nas práticas de comunicação e educação, contribuindo para a formação do jornalista a partir de um posicionamento crítico e ativo frente às mídias, necessário à medida que atuarão em contextos hiper e multimidiáticos, sendo essencial sua compreensão da relação da sociedade com as tecnologias.

Palavras-chave: tecnologias de informação e comunicação; mídia-resenha; formação jornalística; comunicação e educação; cultural digital.

1. Em busca de estratégias didáticas

¹ Artigo derivado de trabalho submetido ao GP Comunicação e Educação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a ser realizado em São Paulo, de 5 a 9 de setembro de 2016.

² Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Educação e bacharel em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Educação e graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora da Faculdade de Educação, cursos de Jornalismo e Pedagogia, e do Centro de Educação à Distância (CEAD) da mesma universidade.

A formação universitária em Jornalismo envolve uma gama de recursos didáticos, entre os quais está a leitura. Leitura de livros-texto, leitura de artigos e, também, de produções textuais em revistas e jornais. E não basta qualquer leitura. É imprescindível uma leitura crítica, dos textos, da mídia e da sociedade.

Há pelo menos mais de uma década, tem sido uma constante entre docentes de cursos de Jornalismo a preocupação com a necessidade de leitura, preterida cada vez mais pelos discentes quando comparada com outras mídias, como aquelas baseadas em vídeo, bem como de áudio. Estratégias didáticas que envolvam os estudantes na leitura e os coloquem em situações de aprendizagem nas quais exerçam o papel de produtores de conhecimento e não somente de receptores de informações mostram-se cada vez mais relevantes.

A ideia de aliar a leitura à produção midiática no componente curricular que aborda tecnologias no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) surgiu em uma dessas discussões sobre como estimular a leitura pelos estudantes, em encontro mineiro do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), em Viçosa, MG, em 2013. A primeira experiência se iniciou no primeiro semestre de 2014, quando a disciplina ainda se denominava Tecnologias da Comunicação (PROJETO, 2016) e o curso era de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo⁴, tendo sequência no primeiro semestre de 2015 e de 2016. A atividade previa que cada estudante leria uma obra completa, disponível para download na Internet, e produziria uma mídia-resenha.

O termo foi criado para definir a atividade abordada neste trabalho. Não se encontrou tal grafia em busca na Internet. O que mais se aproxima é o que se chama de "resenha midiática", descrita da seguinte forma: "gênero discursivo de grande circulação no meio social, é produzida por especialistas em uma área de conhecimento ou por jornalistas para ser veiculada na mídia e é dirigida, normalmente, a um público não especializado, ou seja, a um público mais geral. Uma de suas finalidades é fornecer informações e julgamentos para que o leitor possa se decidir pela leitura ou pela aquisição da obra resenhada. Para comprovar ou não a qualidade da obra, apresentam-se fatos e pro-

⁴ A partir de 2016, com a alteração do curso para Jornalismo e vigência de novo projeto pedagógico, o componente curricular, ministrado pelas autoras entre 2014 e 2016, foi alterado para Tecnologias Contemporâneas de Comunicação e Educação. Mantiveram-se as 60 horas de carga teórica. A disciplina tem o objetivo de situar a evolução das tecnologias de informação e comunicação e seus diferentes artefatos técnicos, refletir sobre as implicações tecnológicas nos processos comunicativos e educativos, discutir os processos interativos e integrativos das tecnologias de informação e comunicação e a cultura, compreender o movimento atual de convergência das mídias e sua repercussão nos processos comunicativos.

vas e explicam-se as razões para avaliações positivas ou negativas de forma que a argumentação seja consistente" (KISSMANN, 2011, p. 172).

A produção que se denomina aqui como mídia-resenha, porém, não se destina a um público geral, relacionando-se mais a uma resenha crítica, texto que, segundo Guia (2016, s. p.), não deve ser elaborado " mediante um resumo a que se acrescenta, ao final, uma avaliação ou crítica. A postura crítica deve estar presente desde a primeira linha, resultando num texto em que o resumo e a voz crítica do resenhista se interpenetram". A diferença está no uso de mídias que não o texto escrito para ser produzida e divulgada.

2. Conceitos envolvidos

Para desenvolver os estudos no componente mencionado, as leituras indicadas abrangeram conceitos como gerações tecnológicas, leitores meditativo, movente e imersivo (SANTAELLA, 2007), hipertextualidade, hipermídia, interatividade (SANTAELLA, 2007; KENSKI, 2012), convergência das mídias (JENKINS, 2009), cultura de massa e pós-massiva (CASTELLS, 2010), competências infocomunicacionais (BORGES, 2015), entre tantos outros, discutidos por autores cujas obras integraram uma listagem de mais de 60 títulos, disponibilizada aos discentes com as respectivas sinopses, para escolha⁵.

Com base nesses autores, os graduandos refletiram sobre as tecnologias de comunicação e educação como suportes da linguagem que permeiam as mediações culturais e midiáticas e as mudanças e convergências entre elas. Discutiram como o processo digital ocasionou a transformação das tradicionais formas de texto escrito que ainda predominam no espaço escolar, da educação básica à superior, potencializando a produção de hipertextos em "multimeios que misturam sons, ruídos, imagens de todos os tipos, fixas e animadas, configurando os ambientes hipermídia" (SANTAELLA, 2007, p. 300) e gerando mudanças nos "processos interativos de leitura e cognição". Compreenderam o processo de construção de textos multilíneares e reticulares, os quais alcançam diferentes tipos de leitores que podem construir múltiplos caminhos para explorar o conteúdo disponibilizado, em diferentes níveis de profundidade.

Para experimentar essa relação entre o processo que Santaella (2007, p. 194) descreve como "a hibridização cada vez mais acentuada dos meios de comunicação e da

⁵ As obras incluem textos em espanhol e inglês, para além de português.

linguagem” e a hibridização dos processos cognitivos humanos, e articular as reflexões teóricas sobre as práticas comunicacionais e educacionais do século XXI ao processo de ensino e aprendizagem desenvolvido junto aos graduandos do curso de Jornalismo, os jovens universitários foram desafiados a produzir as mídias-resenhas. Ou seja, explorar diferentes tecnologias e plataformas digitais para elaborar produções midiáticas a respeito de textos acadêmicos que abordassem temáticas relacionadas à disciplina. Os estudantes foram mobilizados para lerem textos acadêmicos e se apropriarem de suas ideias por meio de produções que sintetizassem e analisassem os conceitos, informações e posicionamentos dos autores lidos por meio de linguagens midiáticas e do uso de tecnologias contemporâneas de comunicação e educação, experimentando a interatividade, hipertextualidade, convergência das mídias em suas produções.

Mediante as produções discentes resultantes desse processo, foi possível refletir sobre as possibilidades e dificuldades de diálogo entre a cultura acadêmica e a cultura midiática no processo de formação de jornalistas.

3. Apropriar-se para produzir: o desafio de mediatizar o conhecimento

Em primeiro lugar, vale destacar que os graduandos aceitaram o desafio com muito entusiasmo por visualizarem a possibilidade de aproximar a linguagem acadêmica que para muitos gera estranhamento e resistência das linguagens que permeiam seu cotidiano. Estimulados a produzir mídias-resenhas que conseguissem sintetizar as ideias dos textos acadêmico-científicos com as linguagens midiáticas que utilizam em seu dia a dia, os estudantes fizeram uma leitura atenta e aprofundada dos textos selecionados por eles a partir de levantamento bibliográfico sugerido pelas professoras.

Diversos aplicativos e softwares de linguagem amigável foram escolhidos e explorados de maneira autônoma por esses jovens: Adobe Acrobat Reader, Power Point, Prezzi, Videoscribe, Movie Maker, Podcast, Loquendo, Photoshop, Whatsapp, Quizur, Fbenquete, entre outros. Com o uso de teclados, câmeras e microfones de computadores portáteis e dispositivos móveis, principalmente, smartphones, selecionaram e criaram textos e hipertextos, vídeos, áudios, enquetes, memes, gifs, quizzes, sites postados em redes sociais e plataformas como Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, Medium, Wordpress, Atavist, Wikipédia, Wix.

Por meio desses artefatos tecnológicos e culturais, os graduandos criaram mídias-resenhas, apropriando-se de diferentes maneiras da linguagem hipertextual e hipermidiática e das particularidades das plataformas digitais, para socializar as compreensões e reflexões advindas de suas leituras acadêmicas.

Entre as mídias-resenhas produzidas com o uso de editores de texto e postadas em plataformas como o Medium, Wordpress, Ativist, Prezzi ou convertidas em textos Adobe Reader, ou slides Power Point, há aquelas que se restringem a apresentar linearmente as ideias do texto lido, com imagens, gifs ou memes utilizados para complementar, ilustrar, sintetizar algum conceito ou apenas distrair o leitor. Isso demonstra a força da tradição da linguagem científica, escrita e linear que esses jovens, quando no meio acadêmico, têm dificuldade em subverter, mesmo que ela tanto os incomode.

Outras produções, que usaram predominantemente a linguagem escrita, experimentaram a inserção de links⁶ externos no decorrer do texto, permitindo ao leitor da resenha, se assim o quiser, conhecer melhor a trajetória de pesquisa do autor do livro ou artigo resenhado, visitando seu Currículo Lattes, blogs por eles criados, entrevistas postadas no Youtube, entre outros conteúdos. Foram criados também links que direcionam o leitor para páginas relacionadas a teóricos, conceitos e exemplos citados na fonte da resenha ou acrescentados pelo estudante para ilustrar, articular, contrapor as ideias do texto às de outros pesquisadores. Enfim, mídias-resenhas que ensaiam a elaboração de hipertextos e hipermídias⁷, os quais possibilitam, por meio dos hiperlinks, que o leitor aprofunde seus conhecimentos com relação a algum tema abordado, além de articular linguagem escrita, oral, imagética e audiovisual.

Entre as produções audiovisuais postadas no Youtube, foram apresentados animações, clipes e vídeos. As animações foram criadas com o uso de softwares como Videobscribe, Loquendo, Photoshop, e integraram a linguagem oral, imagética e escrita para representar de forma hipermidiática as principais ideias dos textos lidos⁸. No clipe, por exemplo, o estudante editou diferentes charges sobre a relação escola, professor,

⁶ Uma problemática emergiu durante a apresentação de mídias-resenhas hipertextuais: os cuidados necessários para selecionar e linicar páginas da Internet, observando-se a confiabilidade e pertinência da fonte e o funcionamento efetivo do link.

⁷ Algumas dessas mídias-resenhas estão disponíveis em <https://medium.com/@jhyennegomes/fazer-jornalismo-o-celular-como-aliado-e-inimigo-6d941c042f3b#.gigdfjtzB>; <https://danielgonzagadasilva.wordpress.com/2016/05/30/capitulo-viii-o-imaginario-da-cibercultura-entre-neoluddismo-tecnoutopia-tecnorealismo-e-tecno-surrealismo/>.

⁸ Acessar <https://youtu.be/XTWbTeFucpY>, <https://youtu.be/mXxx-nrAWm8>, <https://youtu.be/vh5PXzh20TQ>

aluno e TIC que circulam na rede e que dialogam com as ideias da autora do texto lido⁹, tendo inserido como trilha sonora uma música composta por Gilberto Gil relacionada à cultura digital¹⁰. Nos vídeos, os estudantes narraram sua compreensão sobre os textos lidos, com filmagens que, na maioria das produções, se limitam a focar o rosto do jovem universitário, cuja narrativa oral reproduz as características da linguagem escrita tradicional, ou seja, apresenta as ideias centrais do texto lido de forma linear, do começo ao fim. Por vezes, nem a entonação da voz do estudante rompeu a linearidade.

No processo de apresentação e devolutiva por meio de discussão em sala de aula, discutiu-se sobre estratégias para tornar essas videorresenhas mais interativas e hipermidiáticas. Foi o que aconteceu a partir da apresentação feita por um estudante vlogger que aproveitou seu canal no Youtube para postar sua mídia-resenha¹¹: apresentar na tela, além do rosto do apresentador, ícones, imagens, legendas e pequenos textos que colocam em destaque conceitos-chave; apresentar imagens e vídeos que exemplifiquem o que é narrado em off; trabalhar a entonação da voz para destacar ideias; explicitar o posicionamento do narrador com relação à questão abordada; convidar o espectador para utilizar o espaço dos comentários para fazer apontamentos sobre o tema discutido.

Apontou-se também a necessidade de, ao final dos vídeos, serem inseridos créditos, com dados sobre roteirista, trilha sonora, fontes das imagens, ano da produção, entre outros, que permitem ao público ter acesso a informações sobre o processo de elaboração do vídeo postado. Além disso, evidenciou-se a importância de, na edição das animações e clipes, ter-se o cuidado de observar o tempo de transição de um texto ou imagem para o outro, atentando-se para o tempo necessário para ler e observar, com tranquilidade, o que está escrito ou representado, estimulando um olhar crítico para a produção midiática realizada.

Outros estudantes também se preocuparam em produzir mídias-resenhas por meio de tecnologias pertinentes à temática do texto resenhado. Um dos que criaram uma videorresenha introduziu-a explicando: “Eu estou gravando do meu computador, para usar uma tecnologia que todo mundo tem acesso e mostrar como é fácil hoje em dia a gente produzir um conteúdo e divulgar...” (estudante do curso de Jornalismo

⁹ Acessar <https://youtu.be/R1vWujPQNtk>, referente à resenha de SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes: a escola em tempo de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

¹⁰ Gilberto Gil. **Pela Internet**. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/pela-internet.html#ixzz42AxUmhPr>. Acesso em 15 fev. 2016.

¹¹ Ver "Para de Graça", disponível em: <https://youtu.be/7gqjdeCCqB8>. Acesso em 14 jul. 2016.

UFU, jun. 2016)¹². Essa questão foi discutida no livro resenhado como um dos desafios do jornalismo na era digital (MATTOS, 2013).

A graduanda que resenhou um texto sobre o rádio na era da Internet (FIDALGO, 2013) produziu um podcast que simulou um programa de rádio, com vinhetas de abertura e encerramento¹³. Em vez de apenas reproduzir o texto lido de forma linear, ela inseriu “links sonoros”, que permitem ao ouvinte perceber concretamente os conceitos discutidos pelo autor e refletir criticamente sobre eles.

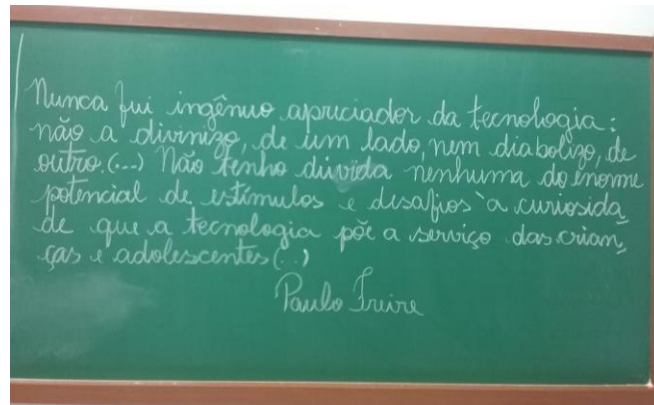
Destaca-se a exploração de mídias sociais na produção de mídias-resenhas. A plataforma do Whatsapp, por exemplo, foi explorada de duas maneiras diferentes. Em uma delas, para simular um diálogo entre o estudante e a autora do texto resenhado, no qual foram sintetizadas suas ideias centrais. Apropriação criativa da plataforma, mas que, mais uma vez, manteve a estrutura linear do texto escrito, apesar de abordar exatamente as características da linguagem hipertextual e hipermediática (SANTAELLA, 2007).

Outra graduanda utilizou o Whatsapp para apresentar a mídia-resenha para a turma. Criou um grupo com todos os seus colegas e planejou postar, pouco a pouco, mensagens com sínteses e análises das ideias do texto resenhado, além de perguntas relacionadas ao tema, para que os outros graduandos pudessem interagir com sua produção. A opção por essa dinâmica foi justificada com base nas ideias do texto resenhado (SIBILIA, 2012), que analisa como, apesar de os estudantes estarem conectados via dispositivos móveis à rede mundial de computadores, a maioria dos professores continua ministrando aulas confinadas às paredes da sala de aula, utilizando a tecnologia analógica do quadro-negro que se restringe a reproduzir e transmitir informações. Para enfatizar esse paradoxo, durante a apresentação, a aluna, além do Whatsapp, usou o quadro negro para registrar um posicionamento de Freire (1996, p. 34) com relação às tecnologias:

Figura 1: Foto da TIC utilizada pela graduanda durante a aula de Tecnologias Contemporâneas de Comunicação e Educação, UFU, Uberlândia – MG, jun. 2016.

¹² Acessar <https://youtu.be/j8lbXr4kXdU>.

¹³ Acessar <https://www.facebook.com/midiareinha/?fref=nf>.



Fonte: Elaboração própria

Outras mídias-resenhas postadas em mídias sociais como Instagram, Facebook e Twitter possibilitaram a reflexão sobre a necessidade de considerar as particularidades de cada plataforma digital no momento de decidir sobre seu uso para divulgar produções na Internet. Os graduandos criaram, nessas mídias, páginas específicas para postar um conjunto de pequenos textos que sintetizavam as principais ideias do material resenhado, acompanhados ou não de imagens e vídeos relacionados à temática abordada em cada síntese.

Outros, entretanto, apesar de terem a preocupação de utilizar recurso do Facebook que permite fixar uma postagem no topo da página, o que garantiu que a apresentação do livro resenhado e informações sobre o autor se mantivessem como post inicial, desconsideraram o fato de, nessas plataformas, o internauta visualizar as postagens da mais recente para a mais antiga. Ou seja, elaboraram postagens que dependiam uma da outra, mas não estavam articuladas entre si. Assim, ao acessar a página, o leitor da resenha lê as ideias do texto do fim para o começo e tem dificuldade para entender a postagem que está mais acima, já que ela depende de uma postagem que vem em seguida. Enfim, ao reproduzirem, nesse tipo de mídia, a organização linear do texto escrito, mas de maneira inversa, prejudicaram a compreensão do internauta. Com a percepção dessa fragilidade nas produções, os estudantes começaram a pensar em estratégias que as evitassem: criar postagens independentes umas das outras com ideias compreensíveis isoladamente ou criar links internos para o leitor poder navegar entre uma postagem e outra e compreender suas articulações. Ressalta-se a possibilidade de uso de Youtube e Facebook, entre outras mídias sociais, para além do padrão de posta-

gens, tendo sido utilizados, em uma mídia-resenha, como uma espécie de cenário para uma animação em captura de tela¹⁴.

Outra fragilidade observada foi o fato de alguns graduandos terem feito uso do Instagram, uma plataforma pensada para compartilhar imagens a serem brevemente comentadas por outros, para postar longos textos no lugar dos comentários, acompanhados de imagens complementares a eles. Em uma das mídias-resenhas, esse problema foi minimizado pelo fato de a estudante ter criado imagens que representavam com clareza as ideias trabalhadas no texto¹⁵. Mesmo assim, porém, ela insistiu em explicar, no comentário, a imagem por escrito, mostrando mais uma vez a dificuldade de romper com a tradição da linguagem escrita para transmitir conhecimentos acadêmico-científicos.

No Twitter, apesar da inversão da ordem das ideias do texto, a discente conseguiu sintetizar a maioria de suas ideias mais importantes conforme os limites de caracteres da plataforma, complementando-as com imagens de gráficos, charges, tela de computador com informações adicionais¹⁶.

As mídias-resenhas em formato de site exploraram a linguagem multilinear da rede, organizando as informações disponibilizadas nos textos, em diferentes janelas, possibilitando que cada leitor construa um caminho próprio para acessar as informações disponibilizadas e aprofundar seus conhecimentos sobre a temática, a partir dos links incluídos em alguns dos textos do site. No site criado para resenhar o texto sobre as legislações que regulam os direitos autorais na rede (RIBEIRO, 2012)¹⁷, por exemplo, a estudante agrupou as informações por país, criou links externos que permitem ao internauta encontrar informações mais atualizadas sobre a temática discutida no texto, acessar legislação de alguns dos países, entre outros, além de links internos que facilitam o acesso às informações dentro do site.

Outro estudante rompeu com a lógica linear do texto científico que resenhou ao fazer de um quiz a sua mídia-resenha sobre os conceitos de nativo digital, imigrante digital e “sábio digital”¹⁸, conceitos esses representados nas questões e itens do Quizze, no pequeno texto que introduz o teste e apresenta cada perfil dos respondentes, e nos

¹⁴ Importante destacar que as mídias-resenhas constituem produções já apresentadas em eventos como a Expocom (Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação), como visto em Oliveira e Tonus (2015).

¹⁵ Acessar <https://www.instagram.com/tickskids/>

¹⁶ Acessar <https://twitter.com/segundocastells>

¹⁷ Acessar <http://camila-romao17.wix.com/midiaresenha>

¹⁸ Acessar <http://pt.quizur.com/quiz/voce-e-nativ-digital-sgo>.

vídeos publicitários ou de humor selecionados do Youtube para simbolizar cada perfil de internauta.

Para finalizar, vale destacar como esse processo de produção e apresentação das mídias-resenhas possibilitou uma compreensão aprofundada e crítica das potencialidades das tecnologias contemporâneas de comunicação e educação e suas linguagens.

4. Algumas considerações

As mídias-resenhas elaboradas pelos graduandos do curso de Jornalismo em questão, tanto por meio das ideias apresentadas nos textos resenhados, quanto pela análise do processo de produção das mídias, aprofundaram as reflexões acerca dos processos comunicacionais e educacionais que permeiam a cultura digital.

Mesmo imersos na cultura digital interativa, hipertextual e hipermidiática, a maioria dos graduandos rompeu timidamente com a linearidade dos textos acadêmico-científicos e com a predominância da linguagem escrita. As linguagens audiovisual, oral e imagética foram utilizadas mais como complemento, ilustração da linguagem escrita do que como centrais nas mídias-resenhas. Isso demonstra que não basta incentivar a leitura, mas provocar os estudantes para midiaticizá-la de maneira apropriada.

A reflexão sobre a maneira frágil com que as mídias sociais como *Instagram*, *Facebook* e *Twitter* foram usadas na produção das mídias-resenhas deu concretude à questão que Kenski (2012, p. 38) destaca: “as novas TICs não são meros suportes tecnológicos. Elas têm suas próprias lógicas, linguagens e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas e comunicativas das pessoas”.

Além disso, a escolha de uma multiplicidade de tecnologias, plataformas digitais, mídias, *softwares* e aplicativos, do editor de texto ao *Videoscribe*, evidenciou diferentes níveis de apropriação das tecnologias de informação e comunicação e suas linguagens pelos jovens universitários. Assim, no microcosmo de uma turma de jornalismo nos anos 2010, observamos a validade do pensamento de Santaella (2007, p. 201) ao afirmar que “as mudanças geracionais nas tecnologias de comunicação criam efeitos sociais, culturais, técnicos e cognitivos, cujo nível de efetividade e de penetração depende da natureza e do alcance da implementação das tecnologias em cada cultura”.

Por mais que esses jovens lidem cotidianamente com as tecnologias digitais de informação e comunicação, estratégias didáticas como a aqui descrita e analisada são

necessárias para desnaturalizar essa relação, gerar reflexão sobre as potencialidades, especificidades de cada tecnologia, mídia e linguagem, e possíveis articulações entre elas, desenvolvendo, assim, uma apropriação crítica das tecnologias contemporâneas de comunicação e informação necessária para os jornalistas enfrentarem os desafios do contexto de digitalização dos processos e produtos comunicativos.

Neste sentido, o processo de elaboração e apresentação das mídias-resenhas permitiu que os estudantes de jornalismo aprimorassem suas competências infocomunicacionais (BORGES, 2015, p. 36). Competência operacional para operar computadores e aplicativos, navegar pela Internet, operar motores de busca de informação, selecionar e utilizar adequadamente mecanismos de comunicação e recursos para produção de conteúdo. Competência informacional para acessar informações, avaliar sua origem e confiabilidade, organizar e criar conteúdo. Competência comunicacional para construir conhecimento em colaboração, divulgar e compartilhar conteúdos produzidos, estabelecer e manter comunicação, criar laços sociais. Todas competências necessárias para que os jovens, como cidadãos e profissionais da área da comunicação, participem com autonomia e criticidade dos processos comunicacionais e educativos da sociedade contemporânea.

Referências

BORGES, Jussara. Competências Infocomunicacionais em ambientes digitais. In: NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **TIC Domicílios 2014**: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI, 2015. Disponível em <http://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros/>. Acesso em 15 fev. 2016.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**: Era da informação, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIDALGO, António. O celular como rádio de pilhas na era da Internet. Rádio IP no celular. In: BARBOSA, Suzana e MIELNICZUK, Luciana (Org.). **Jornalismo e tecnologias móveis**. Covilhã, Portugal: Labcombooks, 2013. pp. 11-24. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/98>. Acesso em 10 abr. 2016.

GUIA de Produção Textual. **PUCRS**. Disponível em <http://puhrs.br/gpt/resenha.php>. Acesso em 26 jul. 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8 ed. Campinas: Papirus, 2012.

KISSMANN, Silvana. Análise de uma resenha midiática sob o ponto de vista da *esquematização*. In: **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n.º 42, junho de 2011. p. 171-189. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/26021/15235>. Acesso em 26 jul. 2016.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **A revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas/BA : UFRB, 2013.

OLIVEIRA, Marina Colli; TONUS, Mirna. Minha Web Vida. In: **Anais... XXXVIII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**. Intercom, Rio de Janeiro. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/expocom/EX48-0895-1.pdf>. Acesso em 26 jul. 2016.

PROJETO Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo. **Faculdade de Educação**. Disponível em <http://www.faced.ufu.br/sites/faced.ufu.br/files/Projeto%20pedag%C3%B3gico.pdf>. Acesso em 26 jul. 2016.

RIBEIRO, Carolina Teixeira. Internet banda larga e seus efeitos na circulação da informação, do conhecimento e da cultura. PEREIRA, Sivaldo e BIONDI, Antonio (Org.). **Caminhos para a universalização da internet banda larga: experiências internacionais e desafios brasileiros**. São Paulo: Intervezes, 2012. pp. 171-195 Disponível em <http://www.intervezes.org.br/arquivos/interliv008cpunibl>. Acesso em 10 mai. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes: a escola em tempo de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.